



Política operária

Que a CUT e demais centrais organizem imediatamente uma campanha pela estatização sem indenização da Ford

A assembleia dos metalúrgicos de Taubaté do dia 3 aprovou a posição da diretoria do sindicato, de manter a luta pelo não fechamento da Ford. Foi rejeitada a proposta da montadora de indenização, que seria: 1) 1,1 salário por ano trabalhado, para os horistas; 2) 0,7 salário por ano trabalhado, para os mensalistas. Os donos da Ford procuraram fazer um jogo numérico. A direção do sindicato mostrou que a proposta não passava de uma antecipação dos salários dos meses de fevereiro a dezembro, uma vez que os metalúrgicos contam com um acordo de estabilidade no emprego até o final de dezembro. Pelos cálculos, a indenização seria menor do que os trabalhadores têm de receber até o fim do ano, computando salários e benefícios. Foi informado, também, que o sindicato espera uma resposta da Ford, para que se tenha uma reunião com o presidente global da montadora. Já se passou quase um mês do anúncio do fechamento, e a posição da empresa é que só tem a oferecer a indenização.

É preciso que os metalúrgicos tenham claro que somente a luta unitária dos três sindicatos e das centrais sindicais pode evitar o fechamento definitivo. A ocupação das fábricas, o controle operário da produção, e a luta pela estatização sem indenização era e é a condição para o movimento operário vencer. As assembleias dos três sindicatos devem colocar a unidade do movimento contra o fechamento. E, com isso, contra as negociações em torno às indenizações. Isso por que negociar indenização significa aceitar o fechamento. As assembleias dos três sindicatos também devem aprovar a reivindicação de estatização sem indenização.

O Boletim Nossa Classe tem feito uma campanha nas fábricas, de apoio à luta contra o fechamento da Ford. A posição de que a montadora seja estatizada, sem pagar um só centavo à multinacional, tem sido bem recebida pelos operários. O que falta é a organização do movimento em todo o país, pela estatização.

É PRECISO FORMAR UM COMANDO ÚNICO ENTRE OS TRÊS SINDICATOS

Sabemos que a direção do sindicato de Camaçari vem discutindo valores das indenizações. O sindicato de Horizonte pouco se manifesta, contando que a fábrica somente encerrará as atividades no final do ano. E o sindicato de Taubaté se colocou pela reversão do fechamento, mas não descartou a possibilidade de discutir as indenizações. No momento, está pela reversão. A Ford está contando com as negociações em separado. Sabe que um movimento pelo

não fechamento só a atingiria a empresa, caso os sindicatos estivessem unidos, e as centrais sindicais organizem a luta pela estatização. Assim que o sindicato de Camaçari chegar a um acordo de indenização, a causa do não fechamento da Ford estará definitivamente perdida.

Somente a assembleia de Taubaté aprovou a bandeira da reversão. Para manter essa posição, e não ter de cair nas malhas da indenização, é preciso o sindicato e a assembleia exijam

a formação de um comando único entre os três sindicatos, em torno à defesa do não fechamento, e pela estatização sem indenização.

O Boletim Nossa Classe trabalha pela unidade da classe operária, como única maneira de quebrar a decisão da Ford e preservar os empregos. Nenhuma negociação deve ser feita em separado. Como a causa é única, deve ter um comando único, uma voz-única e decisões únicas.

O Boletim Nossa Classe é elaborado e distribuído pelo Partido Operário Revolucionário (POR). Só depende das contribuições da classe operária. Seu objetivo é organizar a luta dos explorados em defesa das suas condições de existência, pelo fim do capitalismo e construção da sociedade socialista.

As centrais levam a sério a nacionalização da Ford?

O Boletim Nossa Classe acha que não levam a sério. Isso por que não mexeram uma palha para organizar um movimento a partir das fábricas, em todo o país. A CUT se colocou pela nacionalização, desde o início. Ocorre que submeteu a bandeira da nacionalização à discussão no Congresso Nacional. Os deputados realizaram uma audiência na Comissão de Direitos Humanos. Decidiram apresentar um projeto de lei de nacionalização da Ford. Não temos dúvida que desse mato não sai coelho. Acabamos de assistir a vitória de Bolsonaro, que passou a controlar a presidência da Câmara e do Senado.

Uma verdadeira luta pela nacionalização da multinacional teria como bandeira a estatização sem indenização. Mas, so-

mente a classe operária tem interesse e pode atacar a multinacional, para defender os empregos e a economia nacional. O Congresso não passa de um instrumento político da burguesia. Por isso mesmo, vive ajoelhado diante dos monopólios imperialistas, entre eles a indústria automotiva. Uma verdadeira nacionalização resulta em expropriação da multinacional, sem indenização, que passa a ser regida pelo Estado. Está aí por que a estatização depende da classe operária e demais explorados lutarem em todo o país. Só assim se torna possível a estatização, com controle operário da produção.

O Boletim Nossa Classe rejeita o palavreado de nacionalização, e chama os operários a defenderem a estatização sem indenização e controle operário da produção.

O fechamento de fábricas e o desemprego exigem a luta unitária da classe operária

Vimos que, nos últimos anos, foram fechadas milhares de fábricas. As demissões e o desemprego cresceram. Com a pandemia, os explorados passam por uma tormenta, jamais vista. Os governos de Temer e Bolsonaro impuseram as brutais reformas trabalhista e previdenciária. A terceirização vem avançando e precarizando as condições de trabalho, em todas as atividades econômicas. Até mesmo as formas intermitente e temporária de trabalho crescem. Mais sacrifícios da população ainda estão por vir, já que a crise econômica vai se prolongar.

A previsão é de que a desindustrialização trará maior destruição de postos de trabalho. O que fazer, então? Ficar esperando que o governo, deputados e senadores protejam a classe operária? Mendigar auxílio emergencial, Bolsa Família? Ou organizar a luta em todo o país, em defesa dos empregos e dos salários? A resposta da classe operária e demais explorados deve ser: 1) que os sindicatos, centrais sindicais e movimentos populares organizem imediatamente um movimento nacional pelo não fechamento de fábricas, pelos empregos, e pela estatização sem indenização diante do fechamento; 2) que se convoquem as assembleias sindicais e populares; 3) que se formem os comitês de empregados e desempregados.

O Boletim Nossa Classe luta para que os sindicatos e centrais voltem a ser instrumentos da luta independente da classe operária contra a burguesia e seu Estado. Que as direções rompam com a política de conciliação de classes, que tem desorganizado o movimento operário, e desmoralizado os sindicatos.

Arteb demite e direção do sindicato colabora

No dia 26 de janeiro, os operários da Arteb, autopeças de São Bernardo, entraram em greve contra a demissão de 200, dos 870 operários. Depois de três dias de greve, a direção sindical realizou assembleia e, sem apresentar nenhuma outra saída, nenhuma possibilidade de luta para defender os empregos, convenceu os operários a aceitarem a proposta de acordo, que permitiu à empresa demitir os trabalhadores. Depois de permitir que a empresa demitisse, o Secretário Geral do Sindicato, Moisés Selerges, informou que, pelo acordo, existia a possibilidade de a empresa voltar a contratar em setembro, 50 dos companheiros demitidos. Vejam a que ponto chegou essa burocracia com a política de colaboração de classes.

Quatro dias depois da demissão de 200 trabalhadores pela Arteb, a empresa Nakata, autopeças de Diadema, anunciou que irá fechar a fábrica em Diadema, que emprega 225 trabalhadores, e irá para Extrema (MG).

O fechamento das quatro unidades da Ford no Brasil, da Mercedes de Iracemápolis, as demissões na Arteb, o anúncio de fechamento da Nakata, Yoki, 3M e muitas outras colocam a necessidade de constituir uma frente única de luta nacional, para unificar a luta da maioria explorada do país. A forma de impedir o fechamento das fábricas, e defender os empregos, será ocupando as fábricas, impondo o controle operário da produção, e lutando pela estatização, sem nenhuma indenização aos capitalistas.

O Boletim Nossa Classe luta para que não aconteça mais o que aconteceu com as traições no fechamento da Ford em São Bernardo e, agora, com as demissões na Arteb. Luta para que não se faça o mesmo que se fez com o fechamento da planta da Mercedes, em Iracemápolis, em que nenhuma luta foi travada.

BOLETIM NOSSA CLASSE RESPONDE A QUESTIONAMENTOS

Conversando com os metalúrgicos na vigília da Ford em Taubaté, vários questionamentos foram feitos. Vamos responder a um questionamento. Um dos operários disse que a estatização exigiria concurso público, o que não garantiria os empregos. Falou que a estatização permitiria a corrupção e o roubo do dinheiro público.

Esse é o argumento de Bolsonaro e dos capitalistas que querem a privatização das estatais. A estatização em si não cria a corrupção. O que cria a corrupção é a política burguesa que controla as estatais. Assim, em vez de se condenar a estatização, a classe operária deve lutar contra o controle dos politiquieiros sobre as estatais, e impor o controle operário da produção.

Dessa resposta surgiu uma outra. Como se daria a ocupação da fábrica e o controle operário, se o mercado não aceitasse os motores da fábrica ocupada? Somente na luta saberíamos como os demais capitalistas reagiriam. Aí a fábrica ocupada teria de ganhar apoio da classe operária em todo o país, que também sofre com o fechamento de fábricas e demissões.

O problema está em que os sindicatos estão controlados por direções que respeitam a propriedade privada, e não lutam pela propriedade coletiva dos meios de produção. Quanto ao concurso, esse é o menor dos problemas. A luta pela estatização coloca a permanência de todos os operários ameaçados de demissão pelo fechamento. E, inclusive, a efetivação dos terceirizados, sem necessidade de concurso.